

# O MENINO QUE APRENDEU COM OS ANIMAIS

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

*Sinopse:*

*O livro conta uma comovente estória, baseada em fatos da realidade social brasileira, mostrando a luta de um órfão pela sobrevivência e o apoio de educação que encontrou nos exemplos dados pelos animais. Das pedreiras que exploram o trabalho infantil, sua vida como menino de rua e até sua formação como Médico-Veterinário, muitos sofrimentos e lutas. Contou, para vencer, com os exemplos de vida que os animais lhe deram e a mão amiga de uma mãe adotiva.*

João José da Costa



## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Esta é a comovente história de Joca, um menino pobre, levado ao trabalho escravo quando criança em uma pedreira e que ficou órfão. E foi nos exemplos dados pelos animais que Joca teve seus primeiros ensinamentos de vida.

Joca, nascido João, filho de Donana e Seu Zé Maria, em Patos, uma pequena cidade da Paraíba.

Batizado João, apelidado de Joãojoca, depois Joca Sorriso e depois simplesmente Joca.

O sorriso era a sua marca tradicional, forma como Joca demonstrava que era feliz e estava contente com tudo.

Joca morava em uma casa que adorava. Era feita de paredes de barro colado a pedaços de paus e com telhado de sapé.

O chão era de terra varrida. A casinha de Joca, muito conhecida como casa de pau-a-pique, tinha uma cozinha e dois cômodos, um era o quartinho seu e de sua irmãzinha Severina e o outro de Donana e Seu Zé Maria.

Do lado de fora ficava o banheiro, perto do curral de três cabras e da casinha de Malhado, o seu cachorrinho.

A cozinha tinha um fogão à lenha, uma pequena pia com um tambor de água e uma torneira acima. Seu pai enchia de água o tambor toda a vez que sua mãe queria lavar a louça. O esgoto da pia corria diretamente para o quintal do lado de fora, fazendo a festa do galo Coró e de três galinhas, quando encontravam raros restos de comida.

O banheiro foi o próprio Seu Zé Maria que fez, aliás, como toda a casa de Joca. O banheiro não tinha porta, era feito de pedaços de troncos de árvores unidos por cipós e sem teto. No chão havia um buraco fundo com uma tampa de madeira para apoio dos pés e, quando Joca queria usá-lo, tinha que ficar de cócoras.

Joca gostava de tudo que estava à sua volta. A casa ficava no agreste paraibano, zona seca e de pouca vegetação. Assim, Joca tinha muita areia para brincar de fazer montes ou simplesmente rolar com o seu cachorro Malhado. Malhado tinha este nome pelas manchas marrons em seu pelo branco, amarelado pela areia e pela falta de banho.

Joca passava o dia correndo pelo quintal da casa, quintal imenso, sem cerca, um quintal que não tinha fim. Não havia muitas casas próximas à casa de Joca. Assim, ele não tinha muitos amigos com quem brincar.

Às vezes, Joca se aventurava pelo mato seco, tomando cuidado de não se machucar nos espinhos dos inúmeros cactos, chamados de macaxeiras, e corria, sempre rindo, atrás de répteis e pombas do mato.

Quando se sentia muito só ou perdido, chamava por Malhado que vinha em seu socorro. Eram grandes amigos.

Sua irmã Severina, mais velha, tomava conta das três cabras, recebidas de presente do pessoal do governo. As cabras pastavam bem no mato seco e já conheciam toda a rotina. Quando Severina não estava com as cabras, elas sabiam voltar sozinhas para a casa.

A cada manhã, Donana ordenhava o leite das cabras para o delicioso café da manhã que Joca gostava de comer e que comia todo o dia - broa de milho e leite de cabra.

Toda a comida da família era preparada por Donana com as plantações feitas pelo Seu Zé Maria - milho, feijão e mandioca e com alguns alimentos comprados na vendinha de Seu Antônio, que ficava muito longe da sua casa.

Joca gostava de sua comida diária. Além da broa de milho e leite de cabra, Joca tinha no almoço feijão e farinha de mandioca, que devorava com grande satisfação. Aos domingos, Donana conseguia cozinhar alguns pedaços de galinha. Era o dia mais esperado de Joca. Como era gostoso comer um pedaço de galinha assada no fogão a lenha.

A maior alegria de Donana e Seu Zé Maria era o sorriso de Joca a cada manhã.

Sonolento, saía de sua cama meio tonto e procurava por seus pais logo cedo, quando o sol ainda não tinha nascido.

Acordava com o barulho na cozinha feito por Donana, enquanto preparava alguma coisa para eles levarem para comer no trabalho. Seus pais saíam bem cedo e voltavam ao final da tarde, de segunda-feira a sábado.

Antes do sol se por Seu Zé Maria cuidava da lavoura de milho, feijão e mandioca, com muito carinho. Severina, aos oito anos de idade, cuidava da limpeza da casa, lavagem da roupa e tomava conta de Joca, então com cinco anos de idade, além de levar as cabras para pastarem.

O trabalho de Joca era um só, além de brincar – buscar água em uma cacimba, tipo de um poço, localizada a 1500 metros da casa. Joca carregava duas latas presas em cada extremidade de um pau, que apoiava em suas costas. Precisava fazer isto duas ou três vezes por dia.

O restante do dia Joca brincava com Malhado, dormia, saía pelo mato afora, sempre rindo e feliz. À tarde, postava-se no caminho, deitado na barriga de Malhado, para aguardar Donana e Seu Zé Maria voltarem do trabalho. E lá vinham eles, invariavelmente, no mesmo horário e pelo mesmo local, todos os dias. Daí para frente era só alegria e festa para Joca.

Enquanto o seu pai ia cuidar da lavoura, Joca ficava ao lado de Donana no fogão a lenha, conversando, perguntando, rindo bastante, enquanto ela preparava o feijão e a mandioca para o jantar.

Joca percebia o semblante cansado e envelhecido de Donana, mas procurava ajudar conversando e rindo para ela, fitando os seus olhos com uma ingênua e infantil profundidade.

- Mãe, em que a senhora trabalha? Perguntou.

Sua mãe explicava que trabalhava para o Seu Fernando Português, quebrando pedras com uma marreta.

Era um trabalho muito importante, pois as pedras quebradas serviam para construir estradas no alto sertão da Paraíba. Sem este trabalho, os caminhões e os carros não poderiam passar.

Donana e Seu Zé Maria passavam para Joca uma satisfação de poderem trabalhar e ganhar o dinheiro extra que a família precisava para comprar comida que não tinha na lavoura, algumas peças de roupas e sandálias para calçar. Donana ganhava R\$ 30,00 por semana e Seu Zé Maria, R\$ 50,00. Isto era muito dinheiro e dava para comprar óleo, sal, café, açúcar, arroz, sandálias, camisetas e calções, louças e outras coisas que a família precisava.

A pedreira do Seu Fernando Português ia muito bem e o serviço era tanto que o Seu Fernando Português começou a oferecer serviços para as crianças que queriam trabalhar.

Em certa noite, Joca ouviu Donana e Seu Zé Maria conversarem sobre a possibilidade de levá-lo para trabalhar na pedreira. Isto renderia mais R\$ 15,00 por semana para a família, além de dar uma profissão ao Joca.

Joca dormiu esta noite pensando na conversa de Donana e Seu Zé Maria. Um misto de curiosidade e de apreensão tomou o seu coração de criança.

- Se eu for trabalhar na pedreira, será que posso levar o Malhado? Lá tem lugar para brincar e fazer montes de areia? Adormeceu com estes pensamentos.

Joca adorava sua casa e sentiria se tivesse que se ausentar dela. À noite, podia ver as estrelas e a lua através dos buracos no telhado de sapé. Seu pai vivia falando que tinha que consertar o telhado, mas estava difícil de encontrar sapé na região, além da falta de tempo. Mas Joca torcia para que ele não encontrasse o sapé, preferia dormir contando as estrelas e admirando o brilho da lua.

O único problema era quando chovia. A chuva molhava por dentro da casa, fazia lama pela cozinha e pelos cômodos e molhava o colchão onde Joca dormia. Quando isto acontecia, ele procurava o canto mais seco do colchão e adormecia. No dia seguinte, o sol secava a palha de milho com a qual era feito o colchão de Joca e tudo voltava ao normal. Afinal de contas, isto não acontecia todos os dias. Joca achava engraçado o barro seco que ficava preso entre os dedos dos seus pés descalços e da cor barrenta dos pelos brancos do seu cachorro Malhado.

O tempo foi passando e Joca mantinha esta gostosa rotina, sempre rindo. Suas costas às vezes doíam como peso das latas d'água que pegava na cacimba. Mas, como sempre, distraído com suas brincadeiras, Joca esquecia-se da dor. Joca estava prestes a completar oito anos de idade, já se achava um mocinho e procurava ajudar mais na casa e, principalmente, na lavoura. Roçava o mato, afofava a terra, jogava um pouco de água e até estava aprendendo a semear o milho e o feijão.

Seu Zé Maria ficava muito contente em ver esta ajuda extra, vinda de Joca.

Afinal de contas, já com os seus 50 anos, sentia-se cansado a cada final de tarde, quando retornava da pedreira. Joca notava que o seu pai estava ficando velho.

À noite, à luz do lampião de querosene, a família de Joca se reunia na cozinha e conversavam, enquanto Donana preparava um café fraco e com pouco açúcar. Seu Zé Maria tinha um sonho de poder comprar um rádio de pilha. Esta seria uma forma de poderem saber as novidades e ouvir músicas à noite.

- Um rádio de pilha custa muito caro. O Seu Paulo pediu R\$ 150,00 por um rádio, em sua última visita ao vilarejo!. Afirmou o Seu Zé Maria.

O Sr. Paulo era um comerciante que viajava de vilarejo em vilarejo oferecendo produtos vindos da cidade grande. Ele era muito bondoso e, quando a família não tinha dinheiro, aceitava cabras, milho, feijão ou vendia o produto em prestações.

- Eu gostei muito do rádio e ele concordou em me vender em prestações de R\$ 20,00 por mês, em 15 meses! Eu não tenho os R\$ 150,00 para pagar na hora, mas R\$ 20,00 por mês é mais fácil de arrumar. Este Seu Paulo é um homem muito bom mesmo! Disse alegre o Seu Zé Maria.

À noite, Seu Zé Maria voltou a falar com Donana sobre a possibilidade de Joca trabalhar na pedreira.

- Este trabalho do Joca pagaria a prestação do rádio à pilha todos os meses, sem que a gente precisasse tirar dinheiro das outras coisas que precisamos.

Donana ficou de falar com o Seu Fernando Português sobre levar Joca para fazer uma experiência no trabalho. Joca começou a sentir que não teria outra alternativa, senão a de ajudar os seus pais na pedreira. O rádio de pilha seria muito importante para todos, traria uma grande alegria nas noites escuras da casa de pau-a-pique.

Mas, como toda criança, Joca não pensava de médio prazo, deixando a vida encarregar-se de traçar e ditar os passos a cada oportunidade. Assim, voltava e curtia a sua doce rotina, intercalando as brincadeiras com Malhado, nos intervalos que tinha de pegar água na cacimba e cuidar da pequena lavoura.



Joca era um garoto muito observador e inteligente, apesar de sua pouca idade e de seu porte físico franzino.

Uma coisa que ele gostava muito de fazer era de observar e imitar os animais que rodeavam o quintal de sua casa, quintal imenso que se estendia desde a sua pequena casa até ao longe no horizonte onde a terra e o céu se encontravam. Onde, um dia, ele esperava poder conhecer.

Malhado lhe dava permanentes lições de vida. Convivendo com ele quase todas as horas do dia, Joca procurava entender as reações de Malhado e eram muitas.

Quando ele queria brincar, aproximava-se de Joca com os olhos vivos, arfando forte com a língua para fora, como se estivesse rindo, e abanava o rabo mantendo-o para cima. Joca, quando Malhado se comportava assim, entrava na brincadeira, ora correndo, ora jogando um pau para ele ir buscar.

Malhado era destes cachorros que não gostava de confusão e meter-se em encrencas.

Quando outros cachorros apareciam para comer sua comida ou para brigar, Malhado preferia a retirada, sem constrangimento. Quando a situação se acalmava ele voltava. Malhado via quantos sofrimentos eram causados aos outros cachorros que preferiam a briga com os cachorros mais fortes e mais jovens. Eles voltavam todos mordidos, com pedaços da orelha faltando, com feridas por todo o corpo. Alguns chegavam a morrer nestas brigas. Malhado, mais franzino, preferia uma retirada para o mato próximo do quintal. Afinal de contas, amanhã teria outra comida e sabia que não valeria a pena defendê-la à custa de se machucar ou morrer.

No dia seguinte, Malhado voltava à sua rotina, brincando com Joca, enquanto os cachorros valentões continuavam suas caminhadas pelo sertão. Não raras vezes, via valentão brigar com valentão. Parecia entender que a melhor lição para um valentão seria dada, mais tarde ou mais cedo, por outro valentão. Esta atitude de Malhado poderia ser entendida como covardia por muitos, mas Joca entendia como sabedoria.

Não havia nada que prendia mais a atenção de Joca do que um formigueiro. No sertão da Paraíba tem muitos formigueiros. Joca prestava atenção em tudo. Havia formigas pretas que se espalhavam pelo terreno em busca de insetos mortos e folhas, cada uma para um canto.

Quando achavam, picavam o inseto ou a folha em pedaços e cada uma dirigia-se ao buraco do formigueiro com o seu achado, sem qualquer ordem ou comando.

Pareciam mais alegres e descontraídas, andando de lá para cá, e pegavam várias coisas, como insetos mortos, pétalas de flores, pequenas frutas secas, folhas. Já as vermelhas eram extremamente disciplinadas, saíam em grupos obedientes, escolhiam um arbusto e passavam a noite toda cortando as folhas e levando para o formigueiro. Mantinham uma produção bem maior, porém pareciam mais tristes e infelizes, agindo como verdadeiros robôs. O que mais impressionava Joca era a dedicação, a cooperação, a disciplina e o trabalho das formigas.

Eram incansáveis. Joca, muitas vezes, escolhia uma formiga, que descia de alguma planta carregando um pedaço de folha cortada muito maior que ela, e a acompanhava por horas a fio até a entrada do formigueiro.

Assim, descobria os vários caminhos que um formigueiro fazia no quintal. Joca não sabia por que elas levavam tantas folhas e insetos para dentro do formigueiro, mas entendia que isto deveria ser a comida delas. No tempo frio elas desapareciam, mas no tempo quente elas trabalhavam intensamente. Joca entendeu que no tempo de mais calor elas guardavam bastante comida para comer no tempo mais frio. Era como os seus pais faziam, plantavam feijão, milho e mandioca no tempo de chuva, para poder comer no tempo em que a lavoura estava seca e não dava nada. Quando as formigas se agrupavam e se agitavam em um determinado ponto, Joca já sabia que lá havia novidade – geralmente um bom e gordo inseto!

As casas dos animais atraíam a atenção de Joca, também. Cada um fazia de um jeito. Malhado, arrastava um pequeno pedaço de pano para sua casa perto do banheiro, depositando-o em um buraco que cavava e arredondava todas as noites. E aí dormia. A casa de Malhado fora feita por Joca junto à parede feita de troncos de árvores do banheiro, onde apoiou um pedaço de folha de zinco que encontrara.

Malhado podia, assim, abrigar-se da chuva e do sol, quando queria descansar. Malhado demonstrava adorar este seu pequeno lar. As aranhas teciam grandes teias que serviam para aprisionar insetos e como sua morada. No centro da teia, faziam as suas casas. As teias pareciam redes de pescar e eram muito bem feitas. Algumas aranhas teciam imitações de flores no centro da teia para enganar os insetos.

Eram armadilhas que iludiam os pobres insetos em busca das raras flores para se alimentarem. Joca, em muitas oportunidades, soltava abelhas, mariposas e borboletas presas nestas armadilhas, para a frustração das aranhas. Ele achava isto muito errado porque enganava os outros insetos.

Alguns passarinhos usavam os buracos das árvores, outros faziam ninhos nos galhos. O João de Barro era o melhor construtor. Joca observava o casal de pássaro apanhar lama perto da cacimba com os bicos e, pacientemente, construíam sua casa em um forte galho de uma árvore. Quando chovia e ventava, podia se ver a diferença das casas. O pedaço de pano e o buraco de Malhado molhavam todo e ele tinha que encontrar, até secar, outro canto. As teias de aranha ficavam todas danificadas e, no dia seguinte, tinham que construir tudo de novo. As aves que moravam nos buracos das árvores estavam bem protegidas. A casa do João de Barro era muito resistente e aguentava as piores chuvas e ventos.

Joca permanecia longas horas nestas observações, vendo os hábitos dos animais e os comparava com a sua vida. Olhava para a sua casa de pau-a-pique e pensava que estava muita bem construída e era forte. Sentia-se seguro. Joca notou, certa vez, um passarinho colocando um ovo no ninho do tico-tico e ele era maior que o tico-tico e o seu ovo era maior que o ovo do tico-tico. Nos dias que se seguiram, ele procurou acompanhar o que acontecia no ninho do tico-tico, que chocava o grande ovo.

E, certo dia, nasceu um filhote de passarinho que não era o de tico-tico, mas ele cuidava do filhote como se fosse seu.

- Que coisa estranha! Pensava.
- Pai, que passarinho é aquele no canto do telhado? Perguntou ao seu pai.
- Este é o chupim. Eta passarinho danado este! Ele bota o seu ovo no ninho do tico-tico e o tico-tico choca e cria o filhote como se fosse seu! Esclareceu o Seu Zé Maria.

Joca, então, refletiu:

- Puxa, apesar de não ser o seu filho, o tico-tico cuida e gosta do filhote de chupim como se fosse seu!

Este convívio com a natureza ao redor de sua casa e o interesse especial de Joca pelos animais, fez com que Joca aprendesse a imitar o canto e som de diversos passarinhos, como o azulão, pintassilgo do nordeste, tuim, rolinha-fogo-apagou, caboclinho de barriga preta e o bigodinho. Ele se distraía, quando buscava água na cacimba, imitando os passarinhos. Em algumas vezes, atraía um macho ciumento da espécie que acreditava tratar-se de rival. Joca não matava nenhum animal. Tinha um instinto muito piedoso com todos e respeitava a vida. Admirava cada um como era e procurava aprender com eles. As aranhas e os escorpiões, muito abundantes no imenso quintal da casa de Joca, carregavam os filhotinhos nas costas e eram muitos, imitando carroças ou caminhões.

Em certa manhã, Joca foi acordado por sua mãe:

- Se arrume, moleque. Hoje você vai comigo para a pedreira.

Joca meio sonolento, comeu sua broa de milho e tomou uma caneca de leite de cabra e apressou-se em vestir sua camisetinha e pegar a sandália para acompanhá-la.

Na pedreira do Seu Fernando Português, Joca fazia uma experiência. Se conseguisse quebrar, pelo menos, cinco latas grandes de pedra por dia, ele poderia continuar na pedreira e ganhar os R\$ 15,00 por semana.

Sua mãe sentou-o no chão, ao seu lado, e o Seu Fernando Português lhe entregou uma marreta de ferro. Sua mãe ria ao ver Joca tentar segurar a marreta. Ela pendia de um lado para o outro.

- Eta garoto fraco! Comentava, enquanto ria de Joca.

Joca tinha que pegar um pedaço grande de pedra e bater várias vezes com a marreta até quebrá-la em muitos pedacinhos.

Após quebrar, jogava os pedacinhos em um monte ao seu lado. Isto era chamado pedra brita, que servia para a construção de casas e estradas, sendo muito procurada pelos clientes do Seu Fernando Português.

Os primeiros dias de Joca foram de frustração, mas, com o passar do tempo, o seu monte diário de pedra foi aumentando cada vez mais, atingindo o mínimo de cinco latas grandes por dia, conforme desejado pelo Seu Fernando Português. Joca, apesar de sentir muita falta de malhado, de sua casa e de seus animais do quintal, estava feliz ao lado de

sua mãe e de seu pai. Estava contente de produzir as pedras britadas e ganhar os R\$ 15,00 por semana.

As prestações do rádio de pilha estavam, finalmente, garantidas. Às vezes, para se distrair, olhava em volta e observava.

Acompanhava a construção de uma colmeia de abelhas na ponta do telhado de um abrigo da pedreira. Primeiramente, começou com um grupo de abelhas que zoava em volta do telhado e fazia zumbido. Depois, elas se uniam e faziam um montinho e davam início à construção. A cada hora, um pequeno buraquinho, com seis lados cada, um era terminado. Outros buraquinhos eram construídos ao lado um do outro e a colmeia ia se formando, até que ficava em forma de bola ou de ovo. Depois de pronto, percebia que as abelhas iam e voltavam sem parar, depois de pousar nas flores.

- As flores devem ter alguma coisa de bom que as abelhas gostam! Pensava Joca.

Um dia, ficou sabendo que era mel. Um dos trabalhadores da pedreira acompanhava atentamente a construção com o interesse de pegar os favos de mel um dia.

Em casa, o trabalho de Severina dobrou. Ela teve que passar a pegar água na cacimba e cuidar da lavoura, além dos afazeres que já tinha. Mas no geral, todos da família estavam muito contentes. Tinham um emprego, ganhavam um dinheiro com o qual comiam o seu feijão diário, farinha de mandioca e, aos domingos, alguns pedaços de frango.

À noite, o rádio de pilha era uma alegria geral. Joca e Severina gostavam de ver as músicas cantadas e tocadas por cantadores desconhecidos. Donana e Seu Zé Maria apreciavam as notícias e as propagandas. Seu Zé Maria gostava de se divertir com os produtos da propaganda e conversava com Donana:

- Mas o que são estes produtos com nomes tão gozados? Referindo-se à propaganda para a venda de máquina de lavar louças, computador, televisão a cores, ventilador, liquidificador, entre vários outros.

O mundo de Patos e de outras cidades da Paraíba e do Brasil começava a entrar na linda casa de Joca e sua família.

- Está valendo a pena o meu sacrifício na Pedreira! Pensava Joca, procurando se motivar.

Não raras vezes, dependendo de como mexiam na sintonia do rádio, ouviam pessoas falarem línguas estranhas e chegavam até se assustar.

Aos poucos, Joca perdia o seu característico sorriso soterrado por dezenas latas de pedras britadas que ele já havia quebrado.

A monotonia e a obrigação tornavam Joca um menino triste e sério e, muito raramente, ele levantava o rosto para alguém com o seu irradiante sorriso de outrora.

Em algumas ocasiões, Donana o flagrava dormindo no monte de pedra, cansado. Para não ter problemas com o Seu Fernando Português ela procurava produzir as pedras faltantes no monte de Joca, outras vezes o acordava, procurando encorajá-lo:

- Deixe de ser preguiçoso menino! Só faltam algumas latas de pedras!

A pedreira já contava com mais de 15 crianças de idades próximas à de Joca. O Seu Fernando Português falava sempre que isto ajudava a baratear o custo do produto e vender mais pedras, o que era bom para todos.

Tudo ia relativamente bem, até que um dia a pedreira foi visitada por pessoas estranhas ao Joca.

Três com farda e outros dois com terno preto e gravata. Donana explicava para o Joca que era gente do governo e da justiça.

Após esta visita, todos notaram que o Seu Fernando Português passou a ficar muito preocupado e deprimido, desinteressando-se pelo andamento dos serviços da pedreira. Já bastante experiente Joca fazia mais do que cinco latas grandes de pedra brita por dia e procurava motivação nisto que fazia, concentrando-se na marretada certa na pedra maior, que se transformava em pedras menores, como os próprios sonhos que Joca Sorriso teve um dia.

Alguns dias depois, o Seu Fernando Português reuniu todos os trabalhadores e disse que teria que fechar a pedreira. O pessoal do governo havia proibido o trabalho de crianças. Disse, ainda, que com a

redução das obras de construção de casas e estradas, a produção já estava prejudicada, não podendo continuar somente com o trabalho dos adultos.

Se a família de Joca soubesse ler e se tivesse televisão ficaria sabendo do empenho das autoridades em proibir o trabalho escravo infantil que estava tirando as crianças da escola.

Se tivesse alguma escola próxima, talvez ficasse sabendo que o governo estava ajudando as famílias que tirassem os seus filhos do trabalho escravo e os colocassem nas escolas para aprender a ler e escrever.

Seu Fernando Português finalizou dizendo que todos teriam apenas dois dias para abandonarem a pedreira. Donana e Seu Zé Maria entraram em pânico, não tinham outra forma de renda e as cabras, as galinhas e a lavoura não eram suficientes para o sustento da família.

Além de tudo, o sertão da Paraíba estava passando por um período crítico de seca, a lavoura não rendia mais o feijão, o milho e a mandioca na quantidade que precisavam e até as cabras estavam com dificuldades para encontrar pasto. Os dias que se seguiram foram muito amargos para Joca.

A seca aumentava, a cacimba produzia alguns poucos litros de água que mal dava para a comida, o estoque de milho, feijão e mandioca estava chegando ao fim. Malhado já apresentava sinais de fraqueza, já não comia há vários dias. De vez em quando, conseguia caçar uma pomba do mato ou um rato. Joca estava muito preocupado com Malhado.

Ele já não era muito jovem. Seu Zé Maria ganhara Malhado, ainda filhote, quando Donana estava grávida de Joca. Antes de dormir, Joca visitava Malhado em sua casinha de telhado de zinco, arrumava o seu trapo de pano, passava a mão carinhosamente sobre sua cabeça. Malhado olhava para ele, com olhar triste e doentio.

Joca, não raras vezes, pegava metade de seu feijão e de sua porção de mandioca e levava para Malhado que às vezes comia um pouco, outras vezes recusava. A cada dia que passava, faltava a comida e água e Malhado estava cada vez mais fraco.

Uma manhã, assim que acordou, Joca correu para o quintal procurando ver como Malhado estava. Malhado, estava muito mal e quando Joca passou as mãos em sua cabeça, que ardia em febre, Malhado olhou

profundamente para ele, suspirou fundo e se despediu para sempre. Malhado morreu de fome e de sede.

Joca chorou muito por horas seguidas. Naquela manhã não quis ir à pedreira. Prometeu ir à tarde. Triste e deprimido, pegou a enxada e dirigiu-se para o quintal, no local onde costumava fazer os montes de areia e brincar com Malhado e lá cavou uma pequena cova para ele e colocou algumas flores silvestres, que colheu pelo caminho, sobre o pequeno monte de areia que soterrava Malhado e chorou pela última vez.

Sua vida não lhe permitia chorar muito, havia muitas outras coisas que fazer e logo se lembrou da pedreira e o trabalho em dobro que teria que ter para produzir a cota do dia de cinco latas grandes de pedra brita. As cabras também começavam a ficar magras e produzir muito pouco leite.

O Galo Coró e suas três companheiras, sem o pouco de milho que os prendia à casa de Joca, partiram sem destino pelo imenso quintal da casa, em direção às montanhas e nunca mais foram vistos.

A família começou a viver de alguns poucos alimentos doados por outras famílias menos pobres, mas igualmente pobres. Da pedreira, Joca guardava apenas a lembrança marcada em seu dedo indicador da mão esquerda, amassado por uma marretada que errou o alvo da pedra e feriu gravemente o seu dedo, entortando-o em curva. Seu Zé Maria procurava brincar com Joca dizendo que este dedinho amassado e encurvado seria sua marca e o ajudaria a mostrar para as pessoas onde ficavam as ruas em curva.

Os dois dias dados pelo Seu Fernando Português passaram-se rapidamente. A pedreira encerrou as suas atividades e o Seu Fernando Português mudou-se para o Rio de Janeiro, com planos de montar uma padaria ou um bar. Na pequena casa de pau-a-pique, a família de Joca minguava dia a dia. O Seu Zé Maria decidiu, então, que não tinha outra alternativa senão deixar Patos e tentar a vida em outro lugar.

O Seu Zé Maria tinha um primo que havia se mudado para São Paulo há tempos e falava muito bem desta cidade. Costumavam dizer que o dinheiro podia ser encontrado na rua. Tinha conseguido construir sua casa no bairro de São Miguel, tinha televisão a cores e geladeira e até um fusca 1995. Seu Zé Maria resolveu ir para São Paulo e encontrar a casa de seu primo Manoel, apesar de não ter o endereço e nem conhecer a cidade.



- A gente vai perguntando aqui e ali e logo vamos encontrar alguém que conhece o primo Manoel! Falava confiante.

Os preparativos para a partida envolviam a venda das três cabras e a devolução do rádio de pilha ao Seu Paulo. Afinal de contas, precisavam de algum dinheiro para pagar a viagem com a venda das cabras e não podiam mais pagar o rádio de pilha ao Seu Paulo.

O comerciante aceitou o rádio de pilha de volta por conta das prestações que faltavam e até comprou as cabras. O Seu Zé Maria queria R\$ 50,00 cada uma, mas chegaram a um acordo de R\$ 120,00 por todas. Este dinheiro seria suficiente, acreditava o Seu Zé Maria, para chegar até São Paulo. Tinha a certeza de que ele e Donana arrumariam emprego e tudo se resolveria. Eles poderiam até ficar por alguns dias na casa do primo Manoel. Ele não se incomodaria, pois se davam muito bem e há anos que não se viam.

Um ar de confiança e esperança dominou a todos da família. Agora, era arrumar os trapos, como diziam, e partir para São Paulo. Joca estava curioso e, até certo ponto feliz, ao ver que estariam deixando o lindo lugar onde moravam, mas que iriam para um lugar onde a família poderia viver melhor e sem ter que quebrar pedras para sobreviver.

- Cada um arruma e carrega a sua própria trouxa, ordenou Donana.

O pau-de-arara deve vir nos buscar amanhã, às 4 horas. Joca ouvia falar do caminhão pau-de-arara, mas nunca tinha viajado nele. Ele estava muito entusiasmado.

- Deve ser muito divertido! Pensava com ansiedade.

O pau-de-arara é um meio de transporte ainda comum nos lugares agrestes e afastados do Brasil. É um caminhão com a carroceria coberta por uma lona, com alguns bancos de madeira e, de ponta a ponta do caminhão, tem um pau feito de um galho forte e fino de árvore para que as pessoas possam se agarrar e se proteger. Normalmente, as mulheres e crianças sentam nos bancos de madeira e os homens viajam em pé, segurando este pau. Daí o nome de pau-de-arara.

A viagem duraria vários dias e haveria parada para que pudessem preparar alguma coisa para comer. Donana preocupou-se em levar o resto de feijão e farinha de mandioca que sobrara.

- Temos comida para os próximos dias! Pensou ela aliviada.

Finalmente, chegou a hora da partida e da despedida. O pau-de-arara estacionou na frente da casa do Joca no horário combinado e já estava com muitas pessoas dentro. Primeiramente, subiu Severina, em seguida Joca, depois Donana e Seu Zé Maria. Por sorte, havia alguns lugares nos bancos de madeira, onde Donana sentou-se e acomodou o saco com o feijão e farinha de mandioca e as trouxas de cada um.

O caminhão parou por pouco tempo, o suficiente para a família de Joca subir e ter o tempo de uma rápida e última olhada na casa de pau-a-pique onde foram felizes por muitos anos.

- Tomara que sejamos felizes em São Paulo como fomos felizes aqui! Disse baixinho e tristemente o Seu Zé Maria, enquanto o caminhão afastava-se deixando um rastro de poeira que impedia Joca de avistar de longe o querido local onde nasceu e morou por oito anos.

Joca simplesmente pensou:

- Adeus, Malhado! Procurando se acomodar ao lado de Donana, em busca de proteção.

Além de não ter o dinheiro para a viagem de ônibus, o Seu Zé Maria não tinha documentos pessoais dele e de ninguém da família. Para tirar carteira de identidade, eles tinham que apresentar as certidões de nascimento e eles não tinham as certidões de nascimento, não conseguiam provar que tinham nascido, sem estes documentos.

O caminhão pau-de-arara procurava seu destino atravessando as cidades e evitando as estradas asfaltadas de muito movimento. Joca ouviu falar que era por causa da fiscalização que não permitiam este tipo de transporte.

- Mas como os que não têm dinheiro para pagar o ônibus podem viajar sem os caminhões pau-de-arara que cobram muito pouco? Indagava-se silenciosamente Joca no pensamento.

Joca ignorava o verdadeiro motivo desta proibição - a absoluta falta de segurança que este tipo de transporte oferecia.

O início da viagem até que foi divertido. Joca permanecia o tempo todo admirando os diversos tipos de paisagens, bem diferentes das do seu

quintal. Eram muitas montanhas, rios enormes com muita água, florestas, campos e planícies.

- Quanto feijão, milho e mandioca o meu pai poderia plantar se morasse aqui! Refletia. Donana se queixava de dor nas costas e Seu Zé Maria de dor nas pernas.

O banco duro de madeira e muito tempo de pé eram os motivos. Joca dormia no chão do caminhão abraçado com sua pequena trouxa de roupa. Às vezes sentia muito frio, um frio que nunca tinha experimentado em sua cidade.

A viagem parecia que não terminava nunca. Várias paradas para comida e banheiro começavam a mostrar ao Joca um mundo novo de casas, pessoas e objetos diferentes para ele, na medida em que o caminhão se aproximava de cidades maiores. Em algumas oportunidades todos tinham que descer e andar vários quilômetros à frente e pegar o caminhão novamente. Era uma forma encontrada pelo motorista para não ter problemas com o pessoal da fiscalização das estradas.

À noite era preferida pelo motorista do caminhão para prosseguir em sua viagem. Além das estradas estarem mais vazias, fazia menos calor. Joca ouvira, por várias vezes, Donana falar que o motorista estava sem dormir a dias e que tomava muito café e remédios para não dormir. E foi numa destas noites, quase chegando à cidade do Rio de Janeiro, que o destino preparava o grande golpe na vida de Joca.

O caminhão vinha em velocidade normal e a maioria dos passageiros dormia. Donana e Severina estavam no banco de madeira perto da cabina do caminhão, Seu Zé Maria sentado e encostado na carroceria e Joca tinha arrumado um cantinho na parte de trás da carroceria. Joca adormeceu sobre um monte de lona velha, agarrado à sua trouxa de roupas.

Em uma curva, o motorista não resistiu às tantas horas de sono e adormeceu ao volante por apenas alguns segundos. Joca sonhava, sentia frio e em seu sonho ouviu um grande barulho, gente gritando e voou no espaço, sempre agarrado à sua trouxa de roupa. O voo parecia não terminar nunca. Sentia como se estivesse sendo levado por uma grande ave, continuava a ouvir os gritos das pessoas, mas nenhum grito de Donana, Severina e Seu Zé Maria.

Em certo momento, sentiu que a grande ave o soltou, lançando-o no espaço. Em queda, sentia seu corpo chocar-se contra os galhos de árvores, até cair em uma touça de mato.

Joca ficou um longo tempo neste sonho, desmaiado no mato ao longo da estrada onde ocorrera o terrível acidente entre o caminhão pau-de-arara e uma carreta. Ele ficou muito tempo assim, inconsciente. Com a colisão fora arremessado para longe, caindo em um matagal que amorteceu a sua queda e o salvou de certa forma. As pessoas que acudiram para ajudar os poucos sobreviventes e carregar os mortos não notaram Joca desmaiado no mato, a alguns metros longe do local onde os dois gigantes da estrada pararam após a colisão.

Foi uma longa noite com ambulâncias, carros da polícia, caminhões guinchos para retirada dos caminhões sinistrados, limpeza do óleo, vidros e escombros da pista. Joca nada viu, nada ouviu. Permaneceu inconsciente por toda noite e boa parte do dia seguinte. Ainda tonto Joca acordava aos poucos, em um lindo dia de sol, com muitos pássaros cantando cantos, diferentes dos que ele estava acostumado a ouvir. Ele sentia dor no ombro e permaneceu imóvel, porém acordado, olhando para o alto.

Via grandes árvores que deixavam os raios do sol entrar por entre os seus galhos e que o aqueciam. O lugar era fresco e agradável, o ar puro. Aos poucos sentia a vida e energia voltarem ao seu corpo, levantando-se. Suas primeiras palavras foram para chamar pela mãe, pelo pai e pela irmã. Porém, sem nenhum retorno.

- Acho que chegamos a São Paulo e meus pais e minha irmã já devem ter chegado à casa do primo Manoel. Mas por que não esperaram por mim? Pensou chorando.

Um pouco cambaleando sentou-se em uma pedra perto de uma pequena mina de água, lavou o rosto e bebeu um pouco de água. Perto de Joca estava um cachorro que olhava todos os seus movimentos e quando Joca voltou para sentar na pedra deparou-se com ele e o chamou:

- Malhado!

O cachorro não era Malhado e não tinha nada do Malhado. Era todo cinza escuro e de porte um pouco maior. Joca passou a mão por sua cabeça e o furtivo cão aceitou com prazer, lambendo sua mão em reconhecimento. Joca logo notou que não era Malhado, mas aceitou sua companhia.

Naquela situação era tudo que precisava - um amigo. Já um pouco mais firme, Joca e Malhado, como passou a chamar o novo amigo, dirigiram-se para a estrada. Tudo estava vazio. De vez em quando passava um carro ou um caminhão.

No chão, muitos cacos de vidros e pedaços de plásticos quebrados, restos de um acontecimento trágico que Joca não tinha se apercebido. Algumas pessoas acabam de fixar no acostamento de terra uma cruz e depositavam algumas flores silvestres.

Joca assistia a tudo isto, mas não entendia o que estava acontecendo, limitando-se a prosseguir em frente pela estrada, à procura de sua família, seguido por Malhado.

Na verdade, Joca seguia Malhado, que conhecia muito bem o local. Enquanto andava, Joca admirava tudo que se passava à sua volta, achando tudo muito diferente do que conhecia. Andou muito, encantando e assustado.

Inicialmente, percorreu grandes trechos de lavouras, eram lavouras enormes, com plantas iguais que desconhecia, formando vastos campos verdes. Joca passava pela zona rural de uma cidade cujo nome ainda era desconhecido para ele. Depois começaram surgir as casas.

Eram casas muito bonitas e boas, bem melhores da que possuía em Patos. Eram casas feitas de tijolos sem acabamento, tinham grandes telhas feitas de cimento, as crianças andavam descalças no chão e eram muitas pelas pequenas ruas. Brincavam nos córregos formados pelas águas que saíam das casas.

Parou em um delas para pedir água e pode notas que o chão era cimentado e que tinha fogão, geladeira, apesar de estar tudo muito apertado. As ruas eram de terra vermelha e tinha muita poeira. Cachorros, gatos e galinhas ficavam juntos pelas ruas, em harmonia. Joca não gostou apenas do cheiro das águas que saíam dos banheiros e formavam um córrego de esgoto onde algumas crianças brincavam.

Joca passava pela zona da periferia da cidade. Malhado, sempre à frente, guiou Joca para um posto de gasolina, onde vários caminhoneiros estacionaram seus caminhões, e onde um pequeno restaurante funcionava.

Malhado procurou pela lata de lixo, sempre observado por Joca, onde encontrou suculentos pedaços de carne. Joca com fome acompanhou Malhado, procurando por comida nas latas de lixo. Uma família que terminava o seu almoço viu Joca alimentando-se no lixo e, condoída, fez um prato de comida numa embalagem de alumínio e o ofereceu para Joca que, sem nenhuma cerimônia, o pegou e comeu com grande satisfação.

- Puxa, como é gostosa a comida daqui! Exclamou, limpando todo o prato.

O prato tinha arroz, feijão preto, pedaços de pé de porco, carne seca, couve e farinha de mandioca. Malhado ainda aproveitou os pedaços de ossos e de carne que Joca rejeitara. Após esta refeição e cansados da viagem, Joca e Malhado sentaram-se à sombra de uma grande mangueira para descansar.

Estavam se sentindo como verdadeiros reis depois de tanta comida farta, chegando até a cochilarem por um bom tempo. Foram acordados pelo barulho de um caminhoneiro que buscara a sombra da majestosa árvore para também descansar.

- Vocês são de onde? Perguntou o caminhoneiro.

- Eu sou da cidade de Patos, na Paraíba.

- Para onde vocês estão indo?

- Estamos indo para São Paulo para encontrar meus pais e minha irmã.

- Como vocês vão para São Paulo?

- A pé.

- Mas São Paulo é muito longe de Niterói.

- Estamos em Niterói? Onde fica Niterói?

- No Estado do Rio de Janeiro.

- Não dá para ir para São Paulo a pé?

- Não. Isto seria muito difícil principalmente para uma criança. Porque você não procura a polícia? Porque seus pais o deixaram aqui?
- Nós estávamos em um caminhão pau-de-arara vindos de Patos. No meio do caminho eu fui levado por uma grande ave que me largou no mato. O caminhão seguiu viagem e eu me perdi dos meus pais!
- Olha! Eu estou falando sério com você moleque, não gosto de gozação!
- Mas não é gozação, é sério. Pergunte para Malhado!
- É melhor você procurar a polícia e falar que você está perdido, finalizou o caminhoneiro, virando-se para o lado para uma rápida soneca.

Quando falou em procurar a polícia, Joca imediatamente levantou-se e pôs se caminho novamente, seguido por Malhado, voltando às margens da rodovia. À medida que caminhavam, novas casas apareciam, bem diferentes daquelas que tinham acabado de ver. Eram casas enormes, com muros altos, varandas, belos jardins, com carros de luxo. Joca nunca tinha visto mansões anteriormente. Joca lembrava-se das casas dos animais, umas eram simples e fracas, outras bem construídas e fortes.

Dentro das mansões, até os cachorros eram mais bonitos e diferentes. Malhado prestava atenção nos cachorros de várias raças que latiam para ele, enquanto passava pela calçada. Em uma das casas, viu um carro branco parecendo-se com uma ambulância, trazer uma cachorrinha toda branca e peluda, limpinha, com uma fita vermelha na cabeça, para a sua dona que correu apanhá-la no portão. Malhado achou linda a cachorrinha e sorria para ela abanando o rabo.

Ela, imediatamente, correspondeu e procurou por Malhado, tendo sido retirada pelo motorista do carro. Malhado quis ficar no portão, mas a dona da cachorrinha o afugentou aos berros e os dois prosseguiram sua viagem pela estrada. Joca notava, também, que era afugentado quando se aproximava de outras crianças das casas, da mesma forma que Malhado.

As ruas eram todas asfaltadas, não havia poeira, os cachorros ficavam presos nas casas, nas ruas, apenas outros cachorros iguais a Malhado. As calçadas eram todas cobertas de árvores de flores, que lhes davam beleza e frescor. Era muito melhor caminhar por este lugar, concluía Joca. Joca passava pela zona nobre da cidade.

O movimento dos carros, ônibus e caminhões nas ruas era intenso, o ar muito poluído, bem diferente do ar puro do quintal de sua casa em Patos.

A noite estava chegando e a fome voltava a apertar, além da preocupação de onde ficar. Os pés de Joca doíam e as sandálias já estavam gastas, quase no fim. Além disto, à noite sentia frio.

Mas as latas de lixo desta parte da cidade eram de muita riqueza, logo descobriu Joca. E, de uma em uma, conseguiu um par de tênis em ótimo estado, um agasalho bom apesar de grande e até um boné com a aba um pouco carcomida, mas com o forro em excelente estado, escrito New York Tigers. Via muitas outras coisas, como brinquedos, mas podia carregar somente o necessário. Afinal de contas, tinha que andar muito até encontrar seus pais e sua irmã.

Já chegando o anoitecer, eles pararam, por direção de Malhado, em mais um posto de gasolina. Eles estavam em uma região com muitos prédios e lojas comerciais. Era a região central da cidade. Normalmente, toda cidade pode ser subdivida em quatro zonas - a zona rural, a zona residencial da periferia, a zona residencial nobre e a zona central.

Desta vez, era um posto maior, bem mais iluminado, com lojas, restaurantes e até posto bancário. Malhado encontrava comida por toda a parte. Joca esperou à porta do restaurante, procurando sorrir para as pessoas que saíam e elas simplesmente saíam sem notar Joca e suas intenções de ganhar um prato de comida. Depois de algumas horas em vão, Joca sentou-se na calçada, tirou o seu boné jogando-o no chão e ficou pensando na sua casa de pau-a-pique, no seu imenso quintal e nos passarinhos que gostava de ouvir.

Lembrando dos passarinhos, começou a imitá-los - o azulão, pintassilgo do nordeste, tuim, rolinha-fogo-apagou, caboclinho de barriga preta e o bigodinho. E Joca ficou imitando os seus amigos passarinhos que viviam no saudoso quintal de sua casa. Ele não notava que o pessoal que saía do restaurante parava para ouvi-lo e jogava algumas moedas em seu boné.

Quando finalmente se cansou, teve a grande surpresa de ver em seu boné uma boa quantidade de moedas. Não sabia contar, mas sabia que serviam para pagar lanches.

- Moço, o que posso comprar com estas moedas? Perguntou na lanchonete.



O homem que servia olhou para ele, não sabia se o mandava embora ou se contava as moedas. Joca olhava para ele, com o seu sorriso cativante, seu olhar meigo e puro que o comoveu.

- Você tem aqui R\$ 10,80. Dá para comprar um cachorro quente e um refrigerante e sobra troco.

Para Joca estava bom demais. Ele e Malhado estavam contentes por esta noite. Tinham comido, Joca havia arrumado agasalho, tênis e até um boné, só faltava arrumar um lugar para dormir.

A escuridão avançava com a noite, Joca e Malhado vagavam pelas ruas centrais de Niterói procurando um lugar para dormir.

As pessoas, que no final da tarde lotavam as ruas em grupos de marcha acelerada indo em direções opostas, agora eram poucas.

Novos personagens começavam a surgir na grande praça onde Joca e Malhado decidiram ficar para dormir. Eram personagens bem estranhos dos personagens de dia. Joca lembrou-se de seu grande quintal onde apareciam animais durante o dia, geralmente calmos e pacíficos, e os animais noturnos, geralmente predadores e caçadores. Mulheres quase nuas desfilavam com pinturas extravagantes no rosto e paravam para conversar com os motoristas dos automóveis. Algumas entravam nos carros. Homens vestidos de mulheres faziam a mesma coisa. Homens e mulheres maltrapilhas com garrafas de pinga nas mãos se embebedavam. Crianças, muitas crianças, em grupos, apareciam de repente e passavam a fazer parte deste estranho grupo da noite. Algumas tinham latas nas mãos que cheiravam. Joca olhava tudo e se assustava. Estas crianças, depois de cheirarem as latas, saíam em corrida e atacavam as pessoas que passavam, arrancando relógios, joias e carteira de dinheiro e fugiam quando aparecia a polícia. Mas logo estavam de volta e continuavam a cheirar as latas. Algumas passavam mal e chegavam a cair no chão. Outras brigavam entre si e se machucavam.

Uma delas, com os olhos bem vermelhos, se aproximou de Joca e Malhado procurando saber o que eles estavam fazendo em seu pedaço.

- Esta praça é sua? Perguntou Joca, inocentemente.

- Você está me provocando, eu te quebro a cara!

Joca lembrou-se de seu primeiro Malhado quando aparecia um cachorro valentão. A melhor estratégia dele era a retirada.

- Mais tarde ou mais cedo, um valentão encontra outro valentão para enfrentá-lo, lembrou-se, preferindo baixar a cabeça e retirar-se.

Não muito longe, uma menina com um vestido sujo e pés no chão, igualmente sujos, o chamou e perguntou se ele queria dar uma cheirada na lata.

- O que vocês estão cheirando?

- É cola de sapateiro.

- Mas para que vocês fazem isto?

- Para voar e ficar corajoso.

- É bom?

- É bom, mas às vezes a gente passa mal e sempre a gente quer cada vez mais e mais.

Em vista da relutância de Joca, a menina ofereceu ao Malhado. Malhado, acreditando que era alguma coisa boa de comer, cheirou a lata e começou a espirrar sem parar, chacoalhando a cabeça, e se afastava da lata quando ela oferecia novamente. Joca logo percebeu que aquilo não era bom e abandonou o local, preferindo voltar ao posto de gasolina.

Quando voltou seus olhos para a praça pela última vez, viu a polícia colocar todas as crianças em uma viatura. Não sabia para onde as estavam levando e prosseguiu em sua marcha.

No posto de gasolina havia vários caminhões de diversos tamanhos, uns abertos, outros fechados. Joca lembrou-se da casinha de seu primeiro Malhado e arrumou um grande pedaço de papelão, encostou-o nas grandes rodas de trás de um dos caminhões e, no interior, procurou se acomodar com Malhado.

O calor de Malhado e dos pneus, ainda aquecidos pela estrada, lhe dava um grande conforto. E, assim, os dois adormeceram profundamente, tão

profundamente que não viram o dia amanhecer e o caminhoneiro ligar os motores para partida.

O caminhoneiro, homem experiente, tinha como hábito conferir, antes da partida, se os pneus estavam cheios. Para isto, utilizava uma grande marreta de borracha e batia forte nos pneus. Aquele que, eventualmente, estivesse furado apresentava um barulho típico de pneu sem ar. Batendo de pneu em pneu chegou à casinha improvisada com papelão e olhando em seu interior levou um susto. Lá, uma criança, abraçada a uma trouxa e ao seu cão, dormia. Malhado, com a aproximação do caminhoneiro latiu bravo para ele, acordando Joca.

- O que vocês fazem aí? Eu poderia ter passado por cima de vocês se desse a partida no caminhão! Esbravejou o caminhoneiro.

Joca levantou-se e olhou assustado para ele, respondendo:

- Nós só queríamos um cantinho para dormir.
- Quem é você? Onde estão seus pais?
- Eu sou Joca, este é Malhado, e estou indo para encontrar os meus pais e minha irmã em São Paulo?
- De onde você é?
- Eu sou de Patos, na Paraíba e meus pais vieram morar em São Paulo, mas eu me perdi.
- Que lugar de São Paulo eles foram?
- Para a casa do primo Manoel.
- Mas onde fica a casa do seu primo Manoel?
- Em São Paulo.
- Mas em que lugar?
- Não sei, vou procurar.
- Como foi que você se perdeu de seus pais?

Joca pensou em falar da ave grande que o havia carregado, mas preferiu não dizer, limitando-se a encolher os ombros demonstrando que não sabia.

- Moleque, esta estória está muito mal contada. Eu sou conterrâneo seu. Também sou da Paraíba e estou indo para São Paulo fazer uma entrega na Praça da República. Lá tem uma grande estação de metrô que leva para todos os cantos de São Paulo. Posso te deixar lá, menos o cachorro. Quer ir?

Joca olhou para Malhado e para o caminhoneiro e disse que sim. Malhado, parecendo adivinhar, se aproximou ainda mais de Joca.

- Moço, deixa-me levar o cachorro. É tudo o que eu tenho na vida no momento.

O caminhoneiro, para não se atrasar ainda mais na viagem, levantou as mãos para cima e concordou:

- Está bem, vamos lá!

- Metrô, o que é um metrô? Perguntava Joca, preferindo não amolar mais o caminhoneiro com perguntas.

Joca se acomodou na cabina com o motorista e Malhado na carroceria do caminhão, procurando abrigo contra o vento e contra o frio debaixo da lona. O caminhão se pôs em marcha com destino a São Paulo. Joca com irradiante alegria começava a acreditar na possibilidade de rever e se unir aos seus pais e à sua irmã.

O dia estava amanhecendo e ele permanecia com os olhos fixos da paisagem do Rio de Janeiro. Inicialmente, a ponte Rio - Niterói que não acabava mais.

Era a ponte mais comprida que havia visto em toda a viagem. O sol clareava as águas azuis das praias cariocas e uma leve bruma encobria um enorme Jesus Cristo de braços abertos que morava em cima de uma grande montanha. Imaginou como Donana, Seu Zé Maria e Severina gostaram de ter passado por aqui, indo para São Paulo.

- Minha mãe falava que Jesus morava no céu e ela estava certa! Eu vi, eu vi Jesus em sua casa! Pensou Joca.

Depois da cidade grande, o caminhão pegou estradas onde tinham milhares de casinhas de madeira que se espalhavam pelos morros acima, que lembravam sua linda casa de pau-a-pique em Patos.

- Só que a minha tinha um quintal do tamanho do mundo! Contentava-se, ao ver que estas casas das favelas do Rio de Janeiro se espremiavam entre si e se apertavam em estreitas ruas de terra.

Após passar por estas favelas, o caminhão pegou a longa Via Dutra e as paisagens foram se alternando, ora pastos, ora cidades, ora pastos, ora cidades, até que chegaram a uma cidade onde tinha uma igreja do tamanho do céu. Joca ficou impressionado. Era uma igreja tão grande, tão grande, que nela podiam morar muitos santos e muitos anjos. Para sua sorte, o caminhoneiro tinha programado uma rápida parada na cidade de Aparecida do Norte para comprar algumas lembranças a pedido de sua mulher.

Estacionado o caminhão, o Seu Sebastião, o caminhoneiro, e Joca saíram pela cidade afora, enquanto Malhado ficou montando guarda no caminhão. Para cada pessoa que passava e dele se aproximava mostrava os seus dentes e rosnava. Sentia-se vitorioso quando conseguia afastar os intrusos.

Inicialmente, deram uma rápida volta pelo Santuário de Nossa Senhora de Aparecida onde Joca pode andar a vontade e até fazer suas orações ao pé da Santa Padroeira do Brasil.

Visitando a Sala dos Milagres, o Seu Sebastião explicava a Joca que aquela sala era destinada às pessoas que queriam pagar as promessas e as graças alcançadas. Joca via fotos de casamentos, de casas, pés, mãos e pedaços do corpo em cera, muitas velas com bilhetes de agradecimento. Junto à imagem de Nossa Senhora de Aparecida, Joca pediu, silenciosamente, que ela o ajudasse a encontrar sua família, orando com os olhos fixos na Santa. Depois, eles percorreram uma grande passarela que levava os visitantes da Igreja Nova para Igreja Velha, em busca das lembranças. O Seu Sebastião comprou algumas fitas e imagens da Santa e até deu um chaveiro com a imagem de Nossa Senhora da Aparecida para Joca:

- Isto é para você colocar a chave de sua casa, quando encontrar sua família, disse carinhosamente Seu Sebastião.

Logo voltaram ao caminhão, comeram um rápido lanche e se colocaram em marcha novamente pela estrada com destino a São Paulo. No trecho até São Paulo, Joca adormeceu, sonolento após o constante passar das cidades e dos campos que ficam no trecho entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Joca já aprendera que estava chegando a uma grande cidade quando começavam a aparecer as casas simples de madeira, após os campos de lavoura e pastos, depois das casas grandes e bonitas, vinham as lojas e os grandes edifícios. Assim, notava que estava chegando a São Paulo, na parte central, quando começaram a surgir no horizonte uma selva de arranha-céus numa concentração como jamais tinha visto.

O Seu Sebastião parou para se informar a respeito da localização da Praça da República e seguiu caminho. Joca sentia que seu ponto de destino final estava chegando.

- Tenho que me informar o caminho da casa do primo Manoel e o que é este tal de metrô! Preocupava-se ele.

O caminhão de carga chegou à loja onde tinha que descarregar as mercadorias, onde Joca e Malhado desceram agradecendo ao tio Sebastião pelo grande favor. Sem rumo, perdidos, começaram a andar no meio da grande multidão. Joca chegava a ficar tonto de andar no meio de tanta gente, Malhado conseguia segui-lo pelo faro.

As ruas ao redor da Praça da República eram uma verdadeira festa para Joca. Lojas com muitos produtos à venda, pessoas gritando nas ruas para chamar a atenção, pessoas apressadas por todos os lados, comprando, comendo, conversando ou simplesmente paradas olhando o movimento.

Joca apressou-se em encontrar um ponto de estada na Praça da República e ao tomar conhecimento do que era o famoso metrô, postava-se nos portões de entrada e saída dos trens que andavam debaixo da terra, como falava, na esperança de que Donana e Seu Zé Maria aparecessem um dia de mãos dadas com Severina. Malhado era o único cachorro da praça e isto deixava Joca intrigado. Malhado, despreocupado com esta situação e, de certa forma, até aliviado, procurava por comida nas latas de lixo e nas proximidades das lanchonetes e restaurante.

Como não tinha concorrência, fartava-se de comer. Joca já tinha um pouco mais de dificuldade, mas procurava repetir a experiência que havia dado

certo – sentava-se nas calçadas à porta de restaurantes e lanchonetes e imitava os seus pássaros.

De vez em quando, parava para olhar o seu boné com algumas moedas jogadas que lhe garantiam o almoço do dia.

Após o almoço, com preguiça, andava a esmo pelas ruas Barão de Itapetininga, Sete de Abril e Xavier de Toledo. Quando via uma concentração de pessoas em círculos sabia que alguma coisa importante estava acontecendo, como as formigas de seu quintal que se concentravam quando achavam um bom inseto para comer.

E esta observação de Joca estava sempre correta. Em cada concentração tinha uma novidade. Joca correu para ver do que se tratava e, empurrando gentilmente as pessoas ao redor do círculo, conseguiu chegar ao centro. Era um homem que pegava uma cobra com as mãos, enrolava no seu pescoço, nos braços, passava pelo rosto e gritava:

- Eu fui mordido várias vezes por esta cobra e nada senti porque eu tomo os remédios de plantas! Vejam todos, quem quer experimentar pegar a cobra nas mãos? Vejam as plantas medicinais que trago para curar todos os seus males!

Ninguém se dispôs a pegar a cobra nas mãos, mas mostravam interesse pelas plantas que serviam de remédio. Enquanto isto, o homem continuava gritando:

- Abutua, para afecções renais e inflamações da bexiga; Acônito, para gripe e corisa; Agoniada, para cólicas menstruais; Alcaçuz, para úlceras, dor de garganta e tosse; Babosa, para queda de cabelo; Bardana, para gota úrica; Batata Purga, como laxante purgativo; Boldo do Chile, para o fígado; Calêndula, para cicatrizar feridas; Capim Cidrão, para nervosismo; Castanha da Índia para varizes; Catuaba, para impotência sexual; Celidona, para artrite; Confrei, antiinflamatório; Echinacea, para alergia; Erva-Baleeira, antirreumático; Erva de São João, para reumatismo; Erva de Passarinho, para bronquite e pneumonia; Eucalipto, descongestionante nasal; Fucus, para obesidade; Gervão Roxo, para o rim e fígado; Ginkgo, para labirintite; Ginseng, fortificante; Graviola, para disenteria; Guaco, bronquite e reumatismo; Jaborandi, para crescer cabelo; João da Costa, antiinflamatório, úlcera; Macela, para má digestão; Mamona, para prisão de ventre; Manjerição, para resfriados; Mulungu, para insônia; Raspa de Juá, tônico capilar; Romã, vermífugo; Sabugueiro, para lactação;

Salsaparrilha, para colesterol e diurético; Tuia, para verrugas; Valeriana, calmante.

Joca pode perceber que o homem fazia um bom dinheiro, principalmente com as pessoas de idade que compravam bastante de suas plantas. Em seguida, Joca dirigia-se para os portões de entrada e saída do metrô, sempre com a expectativa de encontrar sua família, olhando atentamente, rosto por rosto, todos que entravam e saíam. Após algum tempo, voltava para as ruas em busca de comida e de distração.

Outro círculo de pessoas. Desta vez, tinha homens da polícia discutindo comum homem que vendia fitas e CDs.

- Isto é pirataria, vamos ter que levar tudo para a delegacia, diziam os policiais.

O ambulante chorava, falava em sua família e afirmava que não sabia que as fitas e os CDs era pirataria. Mas, nada adiantou, os homens da polícia levaram tudo, provocando correria pelas ruas de outros ambulantes. Joca lembrava das armadilhas feitas pelas aranhas para enganar suas presas e como os homens faziam a mesma coisa.

- Como pode vender fitas e CDs falsos, o incriminava.

Mas, um círculo que se formou na Praça da República, foi muito triste para Joca. No meio estavam homens com laços nas mãos e um pequeno caminhão. Malhado estava preso em um laço e os homens o levavam para dentro do caminhão.

- Este cachorro é meu, é meu! Gritou chorando.

- Menino, na cidade não pode ter cachorro, vamos ter que levá-lo!

- Mas para onde?

- Fique tranquilo, vamos levá-lo para um lugar onde tem muita paz e onde ele vai ficar muito bem! Disse rindo, com sarcasmo, um dos homens.

Com Malhado preso lá dentro, o caminhão se afastou. Joca ouviu pessoas falarem que era a carrocinha de cachorros e que eles levavam os cachorros para matar e fazer sabão.



Joca, apavorado, corria pelas ruas, procurando por alguém que não existia, chorando. Correu até se cansar e sentou-se na calçada, ao lado de uma loja de produtos eletrônicos e chorava muito.

Sem ninguém para consolá-lo, as lágrimas acabaram e ele permaneceu parado, com os olhos olhando sem nada ver e começou imitar os cantos dos passarinhos e a cada canto triste, lágrimas voltavam a rolar pelo seu rosto lavado pelas lágrimas.

De repente, ouviu uma voz:

- Por que você está chorando, menino?

Era uma linda moça, muito bem vestida, que se agachou para falar com ele mais perto.

- Por que você está chorando?

- Levaram o meu cachorro e os homens disseram que iriam fazer sabão com ele!

- Deve ser o serviço de Zoonose da prefeitura. Eles recolhem todos os cachorros que encontram pela cidade e levam para o canil. Se os donos não reclamarem por eles dentro de certo tempo, eles os sacrificam. Fazem isto para bem da saúde pública.

- Mas Malhado não estava doente!

- Você gostaria de buscar o seu Malhado novamente? Só que ele não poderá ficar na rua, senão os homens vão capturá-lo novamente.

Joca levantou vagarosamente a cabeça, lançando um olhar de confiança para a linda moça.

- A senhora faria isto por mim?

- Para vê-lo não chorar mais, faria. Meu nome é Ana Maria, Dra. Ana Maria, sou advogada e o meu marido Francisco é dono da loja de eletrônicos ao lado. Venha comigo, vamos buscar o seu Malhado.

Joca sentiu-se bem e deu as mãos para a Dra. Ana Maria, dirigindo-se para o estacionamento onde estava o seu carro. Era a primeira vez que Joca andava de carro.

Era um lindo e confortável carro. Joca permanecia ansioso e assustado, principalmente quando a Dra. Ana Maria o amarrou num cinto no banco.

- Isto é um cinto de segurança. Somos obrigados a usar isto quando estamos no carro. É para segurança em caso de acidente. Fique tranquilo, quando chegarmos ao canil da prefeitura eu solto você, disse sorrindo.

Ao chegarem ao canil, a Dra. Ana Maria se apresentou, mostrou sua identidade e foi imediatamente levada para os canis acompanhada por Joca para identificar Malhado.

- Como é o nome do seu cão? Perguntou o tratador.
- Malhado.
- Como ele é?
- Cinza escuro de pelos compridos.
- Se ele é todo cinza, por que o nome de Malhado?
- Porque eu gosto, disse Joca preferindo não repetir toda a estória.

Joca corria os vários canis onde estavam dezenas de cachorros de todos os tipos e de tamanhos, pensando:

- Se os donos não vierem buscar, todos vão virar sabão!

Em um dos canis, imediatamente localizou Malhado que foi solto e a Dra. Ana Maria assinou um termo de responsabilidade pela guarda do cão.

- Que tal levarmos Malhado para a minha casa? Eu moro em uma casa de quintal grande e Malhado pode ficar lá. Quando você quiser, pode ir visitá-lo!

Joca acenou com a cabeça, concordando. Afinal de contas, seria isto ou Malhado virar sabão. No caminho para a sua casa, a Dra. Ana Maria conversava com Joca:

- Qual é o seu nome? De onde você vem? Por que estava na rua? Onde está sua família?

- Meu nome é João, me chamam de Joca Sorriso. Sou da cidade de Patos, na Paraíba. Eu vivia em uma casa linda, feita de barro e sapé, onde eu podia ver a lua e as estrelas quando dormia. O meu quintal era imenso, chegava até as montanhas onde eu nunca pude ir. Eu tinha muitos amigos animais no meu quintal e Malhado, o meu cachorro. Nós vivíamos de quebrar pedras na pedreira do Seu Fernando Português, mas ele teve que fechar a Pedreira porque os homens do governo não queriam que ele desse trabalho para crianças. Minha mãe é Donana, meu pai Seu Zé Maria e minha irmã Severina. Viemos para São Paulo em busca de trabalho e para visitar o nosso primo Manoel. No caminho, uma grande ave me pegou do caminhão e me jogou no mato. Nunca mais vi os meus pais. Peguei carona para São Paulo e um homem disse que eu devia pegar o metrô para tentar achar os meus pais. Eles nunca saíram dos trens que andam debaixo da terra. Todos os dias, eu fico nos portões, mas eles não aparecem. Malhado me ajudava a encontrar abrigo e comida todos os dias. Imito os meus amigos pássaros para ganhar algum dinheiro. Vou precisar para pagar o metrô e ir embora encontrar minha família.

A Dra. Ana Maria ouvia a estória de Joca, sem saber se devia acreditar ou não. Afinal de contas, nas ruas havia muitas crianças que fugiram da casa de seus pais, ou foram abandonadas por eles ou até foram raptadas e largadas nas ruas.

- Qual será a verdadeira estória de Joca? Perguntava-se.

- Joca, há quanto tempo você saiu da cidade de Patos?

- Não sei, não sei contar.

- Você não ia à escola em Patos?

- Não.

- Mostre-me nos dedos de sua mão, quantas noites você dormiu durante a viagem para São Paulo.

Joca foi procurando se lembrar e pulou oito dedos, mostrando dúvida.

- Ele deve estar viajando por mais de uma semana, mas não há muito tempo, concluiu a Dra. Ana Maria.

Finalmente, os dois chegaram à casa da Dra. Ana Maria, em Alphaville, um elegante bairro de Barueri, uma cidade próxima à cidade de São Paulo. A Dra. Ana Maria morava em uma casa muito bonita, com grandes jardins.

- Malhado vai ficar comigo aqui e você pode visitá-lo quando quiser.

- Mas como eu posso chegar aqui?

- Eu te trago todo o final de semana, mas primeiro precisamos saber onde estão os seus pais.

Naquele momento, Joca preocupou-se mais em visitar os jardins da casa, encantar-se com tudo o que via e ficava feliz por Malhado.

A Dra. Ana Maria trouxe Joca de volta para a Praça da República, desejando-lhe sorte na busca pelos seus parentes e prometendo ajudar neste sentido.

Aquela semana seria terrível para Joca, sem Malhado. Teria que se arrumar sozinho na busca de comida e de abrigo, mas, por outro lado, ficava confortado ao ver Malhado amparado.

- Eu vou dar um jeito! Pensava confiante.

Sua primeira providência foi se dirigir, novamente, para os portões do metrô e olhar por horas as pessoas que entravam e saíam, sem sinal de seus pais. Após este ritual, Joca circulava pelas redondezas para se distrair. Às vezes ficava olhando as dezenas de crianças com uniforme de camisa branca e calça azul que se dirigiam ao grupo escolar da praça. Segurando no gradil de ferro ele permanecia olhando o movimento das crianças brincando, cantando juntas, depois fazendo filas e desaparecendo nos corredores.

- Para onde será que elas vão? Perguntava-se curioso.

Por várias vezes tentara entrar em um shopping nas imediações, mas era barrado pela segurança. Joca não entendia o porquê.

- Por que todos podem entrar e eu não? Perguntava-se indignado.

Do lado de fora via lojas bonitas, muitas pessoas circulando para lá e para cá e escadas enormes que se movimentavam sozinhas. Joca aprendera a perguntar os dias da semana. Sabia que sexta-feira vinha depois da quinta-feira e este era o dia em que a Dra. Ana Maria o levaria para ver Malhado. E, com muita antecedência Joca, postava-se à frente da loja de eletrônicos do marido da Dra. Ana Maria e aguardava por ela.

A monotonia da espera era quebrada, de vez em quando, por crianças que empurravam pessoas para roubar carteiras e bolsas e saíam em disparadas, perseguidas pelos donos ou pela polícia.

- Como podem fazer isto? Estas crianças não têm pais? O que fazem na rua?

Joca fazia esta análise ignorando pertencer, ele próprio, a uma legião de crianças chamadas de meninos de rua. Mas a imagem de Donana e Seu Zé Maria era tão forte que Joca se comportava como eles estivessem presentes ou apareceriam a qualquer momento.

- Boa tarde, Joca. Como foi o seu dia? Pronto para ver Malhado?

Joca alegrava-se quando aparecia a Dra. Ana Maria. Sentia em seu rosto sinceridade em querer ajudá-lo e era a grande proteção que tinha no momento.

- Não vejo a hora! Respondia, procurando por sua mão.
- Então, vamos lá!

Esta rotina semanal se seguiu por várias semanas e as semanas de Joca passaram a valer pelas sextas-feiras, quando veria a Dra. Ana Maria e Malhado. Em várias vezes, Joca dormiu na calçada na véspera, ao lado da loja, com medo de perder a oportunidade e dominado pela ansiedade. A Dra. Ana Maria e o Seu Francisco não tinham filhos, ela não podia gerar filhos por um problema físico. Não tinha cachorros, apenas um gato. Ao ver o gato, Joca se apavorou, tudo o que Malhado não gostava era de gatos, mas preferiu amenizar:

- Dra. Ana Maria, o Malhado gosta mais de cachorros do que de gatos.
- Não se preocupe, vamos fazer com que os dois fiquem amigos. O Felix fica mais dentro da casa do que no quintal.
- Assim espero! Pensou Joca.

A empregada da Dra. Ana Maria fez um lanche bem gostoso para Joca e o levou para conhecer a casa por dentro. Joca admirava-se com tudo e fazia muitas perguntas. O que mais gostou foi da banheira..

- Você gostaria de tomar um banho nela? Perguntou Cleide, a empregada.
- Posso?

Em minutos, Joca estava debaixo da água, procurando nadar como fazia no açude de Patos na época de chuva, jogando água por todos os lados.

A Dra. Ana Maria, ao ouvir o barulho da água e a fala alta de Cleide com Joca, subiu e se divertiu muito ao ver a alegria de Joca. Sua pele marrom da poeira e da terra acumulada todos estes dias se clareou. A Dra. Ana Maria pode ver que Joca era um lindo menino, com uma pele morena bonita, os grandes olhos castanhos escuros e os cabelos castanhos claros compridos até os ombros.

- Cleide, ele não pode vestir as suas roupas sujas agora. Espere que eu vou até uma loja comprar algumas roupas para ele vestir e volto já.

Após alguns minutos, a Dra. Ana Maria voltou com algumas camisas, bermudas, cuecas, pares de meia e um par de tênis. Vestido, Joca sentia-se um príncipe e a Dra. Ana Maria olhava para ele admirada e com um olhar maternal, abaixando-se para lhe dar um beijo. Joca era um menino muito inteligente, apesar de nunca ter ido a uma escola. Na casa, fazia muitas perguntas, queria entender uma porção de porquês.

Vendo um aquário -

- Por que os peixes conseguem viver debaixo d'água e nós não?

Vendo a televisão -

- Como as pessoas e as vozes vão para dentro da televisão?

Vendo as torneiras -

- De onde vem esta água tão clara e limpa que sai pelas torneiras?

Vendo a geladeira -

- Por que a geladeira faz gelo se está fazendo tanto calor?

A Dra. Ana Maria vivia esta primeira experiência de ter que responder perguntas de uma criança em sua casa e achou esta experiência maravilhosa e, com todo carinho, respondia uma a uma com clareza e com paciência para que Joca pudesse compreender. Joca via que Malhado, toda a vez que recebia comida ou carinho da Dra. Ana Maria, procurar corresponder com agradinhos também.

Olhava com um olhar sorridente, arfando com a língua para fora, lambendo sua mão e pulando nela. Joca percebeu que tinha que fazer algo semelhante para mostrar à Dra. Ana Maria o quanto ele estava grato e contente com tudo o que ela estava fazendo para ele. E procurou pular nela, abraçá-la e lambe-la a sua mão.

- Você não está querendo me dar um beijo? Perguntou a Dra. Ana Maria, dando um beijo suave no rosto limpo de Joca.

Joca olhou para ela carinhosamente e, imediatamente, correspondeu com outro beijo e um longo abraço. A Dra. Ana Maria estava feliz com esta situação e logo percebeu que Joca não tinha mais condições de ser deixado na Praça da República e procurar sozinho por seus pais. Assim, perguntou a Joca:

- Você não gostaria de ficar nesta casa, com Malhado, enquanto procuramos por sua família?

Joca abriu o maior de seus sorrisos e olhando fundo nos olhos da Dra. Ana Maria respondeu que sim. À noite, quando o Seu Francisco chegou em casa, teve uma surpresa.

Adormecidos, cansados de todas as façanhas do dia, dormiam no tapete da sala a Dra. Ana Maria abraçada a Joca que procurava se proteger em seus

braços. O Seu Francisco ficou por alguns minutos apreciando esta cena em silêncio.

- Mas, quem será este menino, o que faz aqui?

Ele sabia que a Dra. Ana Maria gostaria muito de ter filhos, mas a natureza negou-lhe esta missão. Ele também sempre sonhou em ter um filho homem. Ao ver a cena dos dois dormindo no tapete da sala imaginou como seria bom que tivessem um filho para alegrar a casa. Fingindo uma leve tosse, o Seu Francisco acordou a Dra. Ana Maria, enquanto Joca continuava em seu cochilo.

O banho quente, o lanche e o fato de Malhado não ter virado sabão, o relaxaram. Parece que ele dormiria por muitas horas. Enquanto isto, a Dra. Ana Maria explicava situação para o Seu Francisco que concordou que Joca ficasse na casa até acharem a sua família.

Daí para frente a Dra. Ana Maria tomou uma série de providências, registrando boletim de ocorrência na Delegacia de Polícia pelo desaparecimento da família de Joca e pediu ao Juiz a guarda provisória, ou seja, enquanto a família de Joca não fosse encontrada, Joca estaria sob a guarda e proteção do casal. Anúncios em jornais foram colocados, participação em programas de rádio e televisão, mas nada dava indício da localização da família de Joca.

O tempo foi passando, Joca entrara para a escola e já cursava a oitava série, aos 14 anos de idade. Sempre ligado nos animais e a forma como viviam, Joca alegrava a vida da Dra. Ana Maria e Seu Francisco com as suas descobertas e as suas estórias.

Mostrava para eles como havia uma rica vida ao redor da casa - eram borboletas, beija-flores, pardais, bem-te-vis, formigas, aranhas, besouros, gafanhotos e muitos outros animais, todos com os seus exemplos de vida - brincavam, amavam, tinham filhos, os ensinavam, brigavam. Na cozinha, Joca queria pegar e examinar os pedaços da galinha, pronta para ser assada e mostrava o que era o coração, o fígado, os intestinos.

- Quando crescer, eu quero ser Médico-Veterinário! Costumava falar com muita convicção.

Na escola estava entre os melhores alunos e aprendia com muita facilidade.



De vez em quando se lembrava de Donana, Seu Zé Maria e de Severina, mas perdia, cada vez mais, a esperança de vê-los um dia. A Dra. Ana Maria fez todas as investigações a respeito de Joca e descobrira as causas do desaparecimento de sua família - o trágico acidente do caminhão pau-de-arara que os transportava para São Paulo. Foram enterrados como indigentes, pessoas que não tinham documentos de identidade. Elas não conseguiram provar que haviam nascido, não precisavam provar que haviam morrido.

- Em algum momento, vou ter que contar estes fatos para Joca, comprometia-se a Dra. Ana Maria, enquanto aguardava por momentos mais favoráveis para fazer isto.

Joca foi legalmente adotado pelo casal e recebeu o nome de João Toledo Ferraz, nome de família. A data de nascimento, como não havia informação, foi arbitrada como 25 de dezembro, Natal, por escolha da Dra. Ana Maria. O Natal se aproximava e, com ele, a data de aniversário de Joca.

- O que você gostaria de receber de presente de Natal, Joca?

- Mãe, eu já tenho tudo, não preciso de mais nada.

Após alguns segundos de pausa, Joca revelou:

- Apenas tenho saudades, de vez em quando, de Patos e da cidade onde nasci. Gostaria de ir lá um dia!

- E se fôssemos lá como presente de aniversário? Joca abriu o seu sorriso costumeiro e encantador e mostrou que gostaria muito.

- Pois bem, vamos programar para visitar Patos e o local onde você nasceu. Quem sabe lá teremos melhores notícias de sua família! Concordou a Dra. Ana Maria.

O casal estava muito contente com Joca que era um menino de bom comportamento, maduro e responsável e que tinha muita perseverança para atingir seus objetivos. Malhado já estava ficando velho, com os inexoráveis sinais dos tempos mostrados em seus pelos brancos, outrora cinzas. Já brincava pouco, preferindo comer e descansar quase todo o tempo.

Nas proximidades de mais um Natal, a Dra. Ana Maria programou a tão sonhada viagem de Joca para Patos, na Paraíba. Deveriam ficar lá por volta de uma semana, tempo suficiente para visitar a cidade. E, se tiverem sorte, visitar a casa onde Joca nasceu e cresceu.

Joca estava radiante pela oportunidade da viagem em todos os sentidos. Seria sua primeira viagem de avião. Poderia ver como os seus amigos passarinhos se sentiam lá do alto. E pela visita que faria à sua casa, da qual ainda guardava as melhores lembranças. Em Patos, a localização do lugar onde Joca morava não foi nada fácil. Os sete anos que se passaram tinham mudado a vida da cidade. Quando a Dra. Ana Maria perguntava dos locais onde existiam as pedreiras não obtinha respostas favoráveis.

Joca tentava ajudar lembrando que era na região agreste, onde moravam muito poucas pessoas. Os dois continuavam indagando ali e aqui, até que, finalmente, alguém deu alguma informação que pudesse ser útil. Era um velho ambulante que afirmava ainda existir muitas pedreiras na Estrada Teixeira-Desterro, no alto sertão da Paraíba, e onde, até hoje, trabalham crianças. Com esta luz que iluminou o caminho, os dois se apressaram em pegar o carro que a Dra. Ana Maria tinha alugado e solicitaram ao motorista que seguisse o rumo à Estrada Teixeira-Desterro.

A ansiedade de Joca aumentava. Uma leve esperança de encontrar Donana, Seu Zé Maria e Severina. Talvez a viagem para São Paulo para a casa do primo Manoel possa não ter dado certo. Esta possibilidade fazia o coração do jovem Joca disparar.

O táxi finalmente chegou à Estrada Teixeira-Desterro. Era uma longa estrada que ligava dois municípios o de Teixeira e o de Desterro. Onde encontrar o ponto exato onde se localizava o local onde morava Joca era, ainda um grande desafio, afinal de contas Patos não era tão pequena assim. De porta em porta, de loja em loja, de pessoa em pessoa, a Dra. Ana Maria foi perguntando.

Em um depósito de material de construção, quando Joca se referiu que trabalhara para um tal de Seu Fernando Português, o dono, Seu Dito Baiano, lembrou que conhecia um português de nome Fernando e que este trabalhara com pedreira. Ele tinha ido para o Rio de Janeiro, mas voltou com medo da violência da cidade. Agora estava estabelecido com um pequeno mercadinho na cidade.

- Qual é o seu endereço? Rapidamente perguntou a Dra. Ana Maria.

De posse do endereço, dirigiram-se para o Mercado Luso-Paraibano, à procura do Seu Fernando Português. Quando entraram, Joca logo reconheceu o antigo dono da pedreira. Porém, o Seu Fernando Português não reconheceu Joca. Ele era pequeno e franzino na época em que trabalhou na pedreira, agora estava um moço.

A Dra. Ana Maria se apresentou e contou rapidamente os objetivos da viagem, procurando por informações do local da casa onde moravam Donana e Seu Zé Maria. O Seu Fernando Português disse que, apesar de nunca ter ido lá, sabia que a família morava em uma região retirada.

- Deixe-me lembrar. Pediu o Seu Fernando Português.
- Apesar de nunca ter lá estado, eu ouvia dizer que Donana e Seu Zé Maria moravam na região agreste e semiárida, conhecida como Terra Seca, no Caminho da Cacimba, concluiu.
- Mas para ir lá, vocês vão precisar andar em lombo de jumento, carros não entram naquele areal. Recomendou.

E lá se foram a Dra. Ana Maria e Joca, desajeitados, em lombo de burro, guiados por um vaqueiro do nordeste, em busca do Caminho da Cacimba. A paisagem da região é muito parecida e sucediam-se montes de areia, galhos secos, vegetação rara e rasteira e muitos cactos. De quando em quando, lagartos, cobras, pombas do mato e muitos passarinhos cruzavam o caminho da expedição. Quando passaram pela cacimba, Joca pediu para parar.

- Esperem, era aqui que eu pegava água, minha casa está próxima! Disse saltando correndo do jumento e indo em direção à cacimba. A cacimba estava seca e com areia cobrindo-a parcialmente. Isto já deixou Joca preocupado.
- Se meus pais estão aqui, onde eles estariam pegando água? Perguntou-se, apreensivo.

Daí para frente, ele foi seguindo a pé e em sua mente vinham as cenas de criança, quando carregava duas latas cheias de água amarradas nas pontas de um pau que colocava nos ombros. Foi conhecendo cena por cena. Atrás, seguiam o vaqueiro levando os jumentos e a Dra. Ana Maria, preocupada com o que Joca veria em sua antiga casa. Andaram por volta de um quilômetro e meio até que finalmente, encoberta por mato,

apareceu uma velha casa de pau-a-pique. Ela estava semidestruída, com as porta e janelas fechadas, o telhado quase sem nenhum sapé. Ao lado, o pequeno banheiro com as madeiras apodrecidas. Joca, com lágrimas nos olhos, disse:

- Mãe, era aqui que eu morava. Meus pais e minha irmã não estão mais aqui.

Chorando, deu uma volta completa em toda a casa, abriu uma das portas e entrou. No interior, escondidos no meio de muito pó e areia, estavam o fogão a lenha, o tambor de água, as camas com os colchões furados pelos ratos, em total abandono e desolação. Isto foi um golpe muito grande para Joca.

- Meus pais não estão aqui, acho que meus pais não estão em nenhum outro lugar mais! Disse, sentando-se à beira do fogão à lenha, como fazia quando criança para conversar com Donana, enquanto ela lavava algumas panelas.

A Dra. Ana Maria olhava para Joca e compartilhava de seu choro e sofrimento, deixando lágrimas rolares de seus olhos, que olhavam para Joca com muito amor e carinho.

- Joca, por que você não me mostra onde está Malhado? Solicitou.

Joca levantou-se, vagorosamente, deixando a casa, acompanhado da Dra. Ana Maria que o amparava nos braços. Ambos seguiram a pé até onde Joca lembrava que enterrara Malhado. No caminho, a Dra. Ana Maria lembrou Joca da viagem no caminhão pau-de-arara, o sonho que Joca disse ter tido quando fora carregado por uma grande ave que o jogou depois no mato.

- Joca, você agora é um mocinho e há coisas que você precisa saber com relação aos seus pais e à sua irmã. Naquela viagem, a grande ave jogou você no mato, achando que você deveria continuar sua missão aqui na Terra. Mas levou Donana, Seu Zé Maria e Severina para outra missão, junto a Jesus. Eles não estão mais conosco. Você deve guardar estas lembranças tão bonitas dos tempos que morou aqui e foi feliz, muito feliz, com eles.

Joca olhou profundamente para sua nova mãe e com um olhar de resignação disse:

- Mãe, eu já desconfiava disto, mas, talvez, não estava querendo acreditar!

Joca se formou um grande Médico-Veterinário e seu consultório recebia centenas de clientes com os seus animais de estimação. Ele era muito carinhoso com todos os animais doentes, parecia falar com eles. Os clientes percebiam este amor de Joca pelos seus animais e tinham muita confiança no seu trabalho. Quando via animais abandonados pelas ruas, Joca os recolhia, os tratava e depois procurava pessoas para adotá-los, como a Dra. Ana Maria fez com Malhado.

Uma vez por ano, Joca visitava a sua terra natal e dava muito atendimento gratuito aos animais de rua e de pessoas pobres. Comprou sua antiga casa e a reformou, mantendo as características originais, conservando-a como um símbolo de sua luta e da luta de sua família. Em algumas viagens, chegava a pernoitar lá e revivia suas lembranças. Fez questão de deixar pequenas brechas no telhado para poder ver a lua e as estrelas à noite.

Não raras vezes, escutava latidos vindos de seu quintal, lembrando-se de Malhado. Assim, adormecia, quase sempre cerrando os olhos após uma suave lágrima de amor e saudades de Donana, Seu Zé Maria, Severina e Malhado. Quando os seus clientes o chamavam de Dr. João Toledo Ferraz, nome de família de sua mãe adotiva, ele pedia:

- Me chame simplesmente por Dr. Joca.

Uma cachorra dálmata de nome Lana apresentava problemas de pele e o Dr. Joca a consultava. Ao seu lado, a dona Suely e sua filha Lídia. A pequena Lídia, que acompanhava atentamente a consulta, perguntou discretamente à sua mãe:

- Mãe, por que o Dr. Joca tem o dedo da mão torto?

O Dr. Joca, continuando a consulta com Lana, olhou sorrindo para ela e respondeu:

- Lindinha, isto é uma longa estória que um dia eu posso te contar!

FIM